

Infancias:

contextos de acción, interacción y participación

Infâncias: contextos de ação, interação e participação



Martín Plascencia González
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mathusalam Pantevis Suárez
Facundo Corvalán
Coordinadores



**Infancias: contextos de acción,
interacción y participación**

*Infâncias: contextos de ação,
interação e participação*

Dictaminadores

Aloysio Martins Júnior, Universidade Federal de Santa Catarina. Ana Brizet Ramírez Cabanzo, Facultad de Educación, Universidad Distrital Francisco José de Caldas, Colombia. Bruno Baronnet, Instituto de Investigaciones en Educación, Universidad Veracruzana. Claudia Guadalupe Arufe Flores, Departamento de Educación ITESO, Universidad Jesuita de Guadalajara. Cristina Massot Madeira Coelho, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. David Poveda, Facultad de Psicología, Universidad Autónoma de Madrid. Eliud Torres Velázquez, co-coordinador del Grupo de Trabajo CLACSO, Estudios Críticos del Desarrollo Rural. Doctor en Desarrollo Rural por la UAM. Everardo Pérez Manjarrez, Harvard Graduate School of Education. Juliana Lacour, Facultad de Psicología, Universidad Nacional de Rosario. Luciana Hartmann, Instituto de Artes, Universidade de Brasília. Monique Voltarelli, Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Norma Guadalupe Pérez López, Facultad de Ciencias Sociales, Universidad Autónoma de Chiapas. Robinzon Piñeros Lizarazo, Facultad de Educación, Universidad Surcolombiana. Rodolfo Antonio San Juan San Juan, Ciencias sociales/antropología, El Colegio de San Luis. Susana Frisancho, Departamento de Psicología, Pontificia Universidad Católica del Perú.

Infancias: contextos de acción, interacción y participación

*Infâncias: contextos de ação,
interação e participação*



EDITORA



UnB



UNIVERSIDAD
SURCOLOMBIANA
EDITORIAL

UNR

Universidad
Nacional
de Rosario

Martín Plascencia González
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mathusalam Pantevis Suárez
Facundo Corvalán

Coordinadores

Universidad Autónoma de Chiapas
Editora da Universidade de Brasília
Editorial Universidad Surcolombiana
Universidad Nacional de Rosario

Editores

Primera edición, 2020.

Infancias: contextos de acción, interacción y participación / Infâncias: contextos de ação, interação e participação
Martín Plascencia González, María Lidia Bueno Fernandes, Mathusalam Pantevis Suárez y Facundo Corvalán (Coordinadores)

D.R. © 2020. Universidad Autónoma de Chiapas
Boulevard Belisario Domínguez Km. 1081 sin número,
Colina Universitaria, Terán, C.P. 29050,
Tuxtla Gutiérrez, Chiapas, México
ISBN: 978-607-561-073-3

D.R. © 2020. Editora Universidade de Brasília
SCS, quadra 2, bloco C, nº 78, Edifício OK,
2º andar, CEP 70302-907, Brasília, DF
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br
ISBN: 978-65-5846-020-6

D.R. © 2020. Editorial Universidad Surcolombiana
Avenida Pastrana Borrero - Carrera 1
PBX (57) (8) 8754753
Neiva, Huila, Colombia
ISBN: 978-958-8896-49-6

D.R. © 2020. Editorial Universidad Nacional de Rosario
Maipú 1065, S2000CGK
Rosario, Santa Fe, Argentina
ISBN: 978-987-702-427-2

Participó en el financiamiento de este libro el Programa para Actividades Científicas, Tecnológicas y de Innovación (2019) del Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (Conacyt), a través del proyecto Seminario interdisciplinario e interinstitucional sobre estudios de infancias (299284).

Fotografía y diseño de portada: Carlos Alberto Sánchez Álvarez

Los textos que conforman este libro fueron sometidos a arbitraje estricto, dictaminados por pares bajo el procedimiento doble ciego. Es un libro especializado en el tema de infancias, su contenido es responsabilidad de quienes lo firman y no necesariamente refleja la postura institucional de las instituciones coeditoras.

Distribución libre y gratuita, citando la fuente. Prohibida su distribución con fines comerciales.

Contenido

Investigaciones con y por las infancias en Latinoamérica11

Pesquisa com e para infâncias na América Latina 21

Martín Plascencia González

Maria Lidia Bueno Fernandes

Mathusalam Pantevis Suárez

Facundo Corvalán

I. ABORDAJE TEÓRICO-CONCEPTUAL Y METODOLÓGICO PARA ESTUDIAR/INVESTIGAR CON LAS INFANCIAS

31

1 En torno a la agencia infantil y juvenil: espacios, tensiones y paradojas en comunidades históricas indígenas mayas tsotsiles de Chiapas, México 33

Lourdes de León Pasquel

2 Uma margem no tempo: geografias de bebês, crianças e jovens em fronteiras brasileiras 65

Maria Lidia Bueno Fernandes

Jader Janer Moreira Lopes

3 Estrategias metodológicas e infancias latinoamericanas. Educación, salud y cultura en mundos posibles 93

Facundo Corvalán

Lucía Aranda

Jésica Morello

4 Escutar as crianças: por um mundo onde mais humanos enunciem em muitas linguagens 133

Marisol Barenco de Mello

Márcia Menezes Concencio

II. PROTAGONISMO, PARTICIPACIÓN Y RESISTENCIA

165

- 5 Bibliotecas comunitarias y escolares: diálogos interculturales y protagonismo infantil 167
Kathia Núñez Patiño
Martín Plascencia González
- 6 De guambras a niños mendigo. Análisis dialógicos con Chuqui sobre la transformación del estatuto de los niños de la calle en Quito, Ecuador (2004-2019).... 203
Pablo Hoyos González
Daniel García Pérez
Harvey Sánchez Restrepo
- 7 Territorios afrobrasileños e indígenas colombianos: resistencia y lucha por permanecer en el espacio-tiempo. Cronotopos infantiles otros 237
Mathusalam Pantevis Suárez
Eliane Rodrigues de Castro
- 8 Violencia, adultocentrismo y resistencias. De la migración centroamericana a la participación política de los NNA en la resistencia-rebelde zapatista..... 267
Angélica Rico Montoya

III. EXPERIENCIAS EN EL TERRITORIO

303

- 9 La experiencia educativa con infancias en los recorridos por el territorio 305
María Helena Ramírez Cabanzo
Lorena Cardona Alarcón
Mathusalam Pantevis Suárez
- 10 Mecanismos de estigmatización en la narrativa Gauchasca: infancia rural Argentina del siglo XIX..... 331
Nicolás Marino Elder

IV. LEGALIDAD E INFANCIA

357

- 11 El interés superior de la infancia y la adolescencia refugiada frente al modelo de atención institucionalizado: el caso de Chiapas y Tabasco, México.359
Ivonne Álvarez Gutiérrez
- 12 Políticas de salud mental infanto-juvenil: modalidades de cuidados en el primer nivel de atención (Rosario, Argentina)393
Ana Cecilia Augsburger
Sandra Silvana Gerlero
- 13 'Me lo dicen desde lejos... que soy hija de traficante'. El impacto de las políticas de drogas sobre niñas, niños y adolescentes con padres y madres privados de la libertad 421
Corina Giacomello
- 14 Representaciones de la niñez y extranjería en la legislación y en la infraestructura: acceso a la protección internacional (los albergues de los sistemas DIF en Chiapas, México) ... 455
Larisa Kosygina

I. Abordaje teórico-conceptual
y metodológico para estudiar/investigar
con las infancias

2

Uma margem no tempo: geografias de bebês, crianças e jovens em fronteiras brasileiras¹

MARIA LIDIA BUENO FERNANDES²
JADER JANER MOREIRA LOPES³

Resumo

O capítulo em tela apresenta um ensaio científico em que os autores narram a perspectiva teórica que vem consolidando a Geografia da Infância no Brasil, na totalidade dos debates

-
- 1 O presente artigo é um desdobramento da palestra inaugural proferida no “Seminário interdisciplinario e interinstitucional sobre estudios de infancias” financiado pelo Programa para Actividades Científicas, Tecnológicas y de Innovación, do Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología (CONACYT) organizado pela “Universidad Autónoma de Chiapas”, ocorrido em novembro de 2019. Agradecemos aos organizadores pelo convite, pela oportunidade e pela hospitalidade.
 - 2 Maria Lidia Bueno Fernandes, doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo, Brasil. Professora do Departamento de Métodos e Técnicas da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, Brasil, mlidia@unb.br, lidia_f@uol.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4878-3115>.
 - 3 Jader Janer Moreira Lopes, doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Brasil. Professor do Departamento de Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, Brasil, jjanergeo@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3510-8647>.

que hoje abrigam essa expressão. Dessa forma, apresentam o diálogo com outros espaços e tempos, buscando caracterizar como essas reflexões que envolvem as infâncias e suas espacialidades geográficas se fizeram no âmbito do território brasileiro, suas caracterizações e singularidades. A estratégia metodológica assenta-se nas produções que envolvem essa temática, não apenas as referências publicadas em formas de artigos, livros, entrevistas ou outros gêneros, mas também em eventos, seminários, exposições, enfim, encontros diversos. Essa escolha, essa partilha de ditos, ocorre retomando as referências teóricas envolvendo a teoria histórico-cultural sobre o desenvolvimento humano, sistematizada por Vigotski (2006, 2010) e colaboradores, e a perspectiva da Filosofia da Linguagem (Bakhtin e seu círculo). Nesse sentido, “a unidade ciência, arte e vida” (Bakhtin, 2017: 21) adentra este ensaio, que, de alguma forma, honra essa perspectiva, ao articular a literatura à experiência espacial e ao abordar a temática da infância e juventude em uma unidade vivencial, de forma a constatar que estas não estão presentes no espaço, mas são o próprio espaço, deixando marcas e sendo marcadas pelo espaço, em uma relação dialética (Lopes, 2007). Não por acaso, este ensaio se inicia com um excerto do conto a “Terceira Margem do Rio”, importante referência literária brasileira, pedindo emprestadas da literatura experiências que permitem fazer a palavra acontecer. O ensaio tece as relações com os diversos campos do conhecimento que dão sustentação teórico-metodológica a esse campo, articula os conceitos específicos que permitem a compreensão da espacialidade dos bebês, das crianças e dos jovens, em especial, os conceitos de paisagem e território, advindos da Geografia, tendo, como expoentes no Brasil, Santos (1996, 2004) e Haesbaert (2014). Apresenta também obras de referência que marcam essa trajetória e tratam da aproximação da temática educacional em relação a esse campo do conhecimento, tendo como viés as contribuições de Pontuschka

(1993) e Paganelli (1996) que propõem que o ensino de Geografia trabalhe na perspectiva da construção de um pensamento autônomo e crítico, bem como articule teoria e prática em uma perspectiva interdisciplinar, considerando a dimensão política do processo de produção do espaço social, em diálogo profícuo com a perspectiva freiriana, que vê a escola como espaço da experiência autoral e como espaço conectado ao concreto (Freire, 2011). Aborda, ainda, a aproximação com os teóricos do campo de Estudos da Infância, da perspectiva pós-colonial, retomando clássicos europeus e do continente americano. Por fim, atualiza esse campo do conhecimento a partir de eventos que contribuíram para dinamizar essas discussões na América-Latina. Como síntese, este ensaio reafirma que não há sentido em pensar o ser humano (os bebês, as crianças e os jovens) fora das geografias, nem a consciência e o controle de si e do mundo vividos fora das relações socioculturais, fora da linguagem, fora da unidade existência/existir, ser/estar, espaço/tempo.

Palavras-chave: Geografia da Infância, território, espacialidade

Resumen

El presente capítulo es un ensayo científico en que los autores narran la perspectiva teórica que viene consolidando la Geografía de la Infancia en Brasil en la totalidad de los debates que hoy acogen esa expresión. De esta forma, se presenta el diálogo con otros espacios y tiempos, buscando caracterizar como esas reflexiones que envuelven las infancias y sus espacialidades geográficas que se hicieron en el ámbito del territorio brasileiro, sus características y singularidades. La estrategia metodológica se asienta en las producciones que involucran esa temática, no sólo las referencias publicadas en forma de artículos, libros, entrevistas u otros géneros, sino también en: eventos, seminarios, expo-

siones, en fin, encuentros diversos. Dicha elección comparada, se da retomando las referencias teóricas que involucran la teoría histórico – cultural del desarrollo humano, sistematizada por Vygotsky (2006, 2010) y colaboradores, y la perspectiva de la Filosofía del Lenguaje (Bajtin y su círculo). En este sentido, “la unidad ciencia, arte y vida” (Bajtin, 2017: 21) este ensayo se adentra, de alguna manera, a honrar esa perspectiva al articular la literatura a la experiencia espacial y al abordar la temática de la infancia y la juventud en una unidad vivencial, de forma que al constatar que éstas no están presentes en el espacio, pero es el propio espacio que deja marcas siendo marcadas por el espacio en una relación dialéctica (Lopes 2007). No es casualidad que este ensayo se inicia con un fragmento del cuento la “Tercera margen del Río” importante referencia literaria brasilera, pidiendo prestado de la literatura experiencias que permiten hacer la palabra acontecer. El ensayo teje las relaciones con los diversos campos del conocimiento que dan sustentación teórica – metodológica a ese campo, articula los conceptos específicos que permiten la comprensión de la espacialidad de los bebés, de los niños, niñas y jóvenes en especial los conceptos del paisaje y el territorio, provenientes de la Geografía, teniendo como exponentes en Brasil a Santos (1996, 2004) y Haesbaert (2014). También se presentan obras de referencia que marcan esa trayectoria y tratan de la aproximación de la temática educacional en relación a ese campo de conocimiento, teniendo como sesgo las contribuciones de Pontuschka (1993) y Paganelli (1996) que proponen que la enseñanza de la Geografía trabaje en la perspectiva de la construcción de un pensamiento autónomo y crítico, así como articular teoría y práctica en una perspectiva interdisciplinar, considerando la dimensión política del proceso de producción del espacio social, en fructífero diálogo con la perspectiva freiriana que ve la escuela como espacio de la experiencia autoral y como espacio conectado a lo concreto (Freire, 2011). También

aborda la aproximación a los teóricos del Campo de Estudios de la Infancia, de la perspectiva poscolonial y retoma clásicos europeos y del continente americano. Finalmente actualiza ese campo del conocimiento a partir de eventos que contribuyeron para dinamizar esas discusiones en América Latina. Como síntesis, este ensayo reafirma que no tiene sentido pensar el ser humano (los bebés, los niños, niñas y los jóvenes) fuera de las geografías, ni la consciencia y el control de sí y del mundo vivido fuera de las relaciones socioculturales, fuera del lenguaje, fuera de la unidad existencia/existir, ser/estar, espacio/tiempo.

Palabras clave: geografia de la infancia, territorio, espacialidad

I. Acontecer...

Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio,
obra de nem quarto de légua: o rio por aí se estendendo
grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se
poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso,
do dia em que a canoa ficou pronta.

(João Guimarães Rosa em “A terceira margem do Rio”,
1994: s/p.)

João Guimarães Rosa foi um escritor brasileiro, que nasceu na cidade de Cordisburgo, localidade do estado de Minas Gerais, no mês de junho de 1908, e viveu até o ano de seu falecimento, 1967, como morador da cidade do Rio de Janeiro. Produziu inúmeras obras que fazem parte do acervo literário brasileiro e mundial, tendo seus escritos publicados em inúmeras línguas. Em seus textos, as marcas do tempo são evidenciadas, mas, de forma singular, traz a dimensão do espaço geográfico em todas as suas nuances: é impossível passear por suas linhas, sem encontrar as veredas, o sertão, os morros, os planaltos, os rios e suas margens. Em suas obras, nascimento e morte, o interstício da vida não

são expressados pelo *cronos*, esse irremediável vocábulo que nos forja de forma intensa na modernidade, mas sim pelo espaço e, nele, as expressões da paisagem. Os personagens se personificam por/com suas geografias.

Na epígrafe que escolhemos para abrir este texto, há um rio em torno do qual se forjam as histórias de seus personagens: um pai manda construir uma canoa. Homem de família, todos acompanham estranhamente sua decisão: entrar na canoa! Ele se despede sem palavras, apenas o gesto de seu corpo é a pura linguagem da comunicação. Já na canoa, coloca-se no meio do rio e ali permanece em sua cronotopia (Bakhtin, 2014), torna-se origem, gesta a terceira margem⁴ e por lá existe. Da beira do rio, as outras vidas continuam suas vidas.

A escritura de Guimarães Rosa nos fala das origens que acompanham cada um, das margens para além das margens, ou melhor, para a beira de onde se olha algo e, para nós, dialoga com os objetivos em torno dos quais este texto é escrito: narrar as geografias de bebês, crianças e jovens, como um campo de estudo, como margens constituídas, naquilo que seriam as águas brasileiras. O tema, a Geografia da Infância (na totalidade dos debates que hoje abrigam essa expressão), é a gênese, o local de onde escolhemos dizer. Desse ponto, dialogamos com outros espaços e tempos, buscando caracterizar como essas reflexões que envolvem as infâncias e suas espacialidades geográficas se fizeram em nosso território, suas caracterizações e singularidades. Nossa estratégia metodológica se assenta nas produções que

4 Esse famoso conto, de um dos mais importantes escritores brasileiros do século XX, aborda o processo em que o pai do narrador constrói uma canoa para nela permanecer pelo resto de sua vida, singrando o rio de uma margem a outra. A “Terceira Margem”, que dá título ao conto, tem muitas interpretações possíveis, pode ser uma referência aos processos gerados no inconsciente, incompreendidos e incompreensíveis à primeira vista, podem ser os limites da escrita, o que acomete qualquer escritor, podem ser coisas outras. Essa é a terceira margem.

envolvem essa temática, não apenas as referências publicadas em formas de artigos, livros, entrevistas ou outros gêneros, mas também em eventos, seminários, exposição, enfim, encontros diversos. Essa foi a nossa escolha, nossa partilha de ditos, a nossa não volta, é de onde nossas palavras acontecem. Voltemos às sábias frases de Guimarães Rosa:

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia (Guimarães Rosa, 1994: s/p).

II. Ser...

As territorialidades infantis são os diversos campos de embates produzidos nos diferentes grupos sociais, a dinâmica particular pela qual as diferentes instâncias envolvidas constroem a infância. É um campo de combate, de enfretamento de forças onde adultos, crianças e instituições vão dando face nova ao território. Isso é pensar a infância pela Geografia da Infância. (Lopes & Vasconcellos, 2005: 40).

No ano de 2005, é publicado no Brasil, a partir de uma editora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora, o livro “Geografia da Infância – reflexões sobre uma área de pesquisa” (ver bibliografia), do qual a epígrafe acima, foi retirada.

Essa publicação veio somar-se aos intensos estudos envolvendo as crianças que aconteciam em nosso país naquele momento, muito fortemente marcado, pelo campo da Sociologia da Infância, mas que se estendia também para outras áreas e que depois viria a compor esse mosaico que hoje chamamos

de Campo de Estudos da Infância. Nesse movimento, destacam-se concepções como defender a infância como uma construção social que deve ser compreendida com outras variáveis, como o gênero, a classe e a etnicidade e, ainda, em sua condição de sujeitos atuantes na produção da sociedade. Os estudos de Jens Qvortrup (obras diversas) e de autores como Alan Prout (obras diversas), Allison James (obras diversas), Willian Corsaro (obras diversas), Regine Sirotá (obras diversas), Julie Delalande (obras diversas), Manuel Sarmiento (obras diversas) e outros também compõem essa área. O prefácio do livro citado é elaborado pelo professor Manuel Sarmiento, da Universidade do Minho/Portugal, reconhecido por seus trabalhos na Sociologia da Infância e pelas divulgações em língua portuguesa desses postulados.

Nessa obra, Lopes e Vasconcellos entrelaçam conceitos e axiomas teóricos que envolvem a emergência do tema no Brasil e traçam o que seria reafirmado em outros trabalhos, as interfaces que sustentariam essa área: os liames entre o espaço (em seu aporte como geográfico) e a infância (em suas diversidades e diferenças), como apontado por Lopes (2018).

No Brasil, a Geografia da Infância assume, assim, os giros teóricos dos estudos que envolviam o debate da infância desse período, mas também da própria Geografia brasileira e, ainda, da área da Educação,⁵ para fiar o novo, dialogando com conceitos caros a esses campos do conhecimento, como os de território, paisagem, lugar, redes, entre outros. Respalhada em teóricos como Santos (2008), Haesbaert (2004; 2014), Pontuschka (1993; 1999) e Paganelli (1996) e, do ponto de vista da discussão da educação, aproxima-se de Freire (obras diversas). Consolida-se, reolocando as vivências espaciais dos sujeitos como algo central

5 Um importante dado a se considerar na produção da Geografia da Infância brasileira é que grande parte desses pressupostos, desde sua gênese e circulação, têm sua origem em profissionais situados nas fronteiras do campo da Geografia e da Educação.

para a atribuição de sentido de pertencimento, bem como para abrir possibilidades de imaginar outras realidades, considerando tanto a base física material quanto as relações interpessoais, os afetos, as disputas políticas e a cultura produzida em territórios diversos, entre outros.

Nessa perspectiva, alguns conceitos são considerados inicialmente no debate e outros vão se constituindo ao longo da própria constituição da área. Podemos destacar, por exemplo, o de paisagem, que, segundo Santos (2008: 103), é “um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre o ser humano e a natureza”. Para o autor, esse conceito é a porta de entrada para a leitura do mundo. Afirmar ainda que a paisagem é composta pelas formas, cheiros, sons, texturas, sensações. Fazem parte dessas paisagens tanto os entornos imediatos quanto os distantes. É ela, a paisagem, que nos permite adentrar o âmbito espacial e nos possibilita compreender a lógica espacial a partir dos palimpsestos,⁶ já que, nas paisagens, permanecem as inscrições/marcas da ação humana na produção do espaço geográfico (Santos, 1996). Logo, as paisagens tornam-se importante meio para compreendermos os processos sociais, culturais e políticos que historicamente formaram determinada sociedade.

No que diz respeito ao conceito de paisagem, cumpre destacar Lopes (2008: 113) que propõe o estudo das “paisagens de infância”, ou seja, das “formas visíveis e materiais do espaço, produzidas temporalmente pelos diferentes agentes sociais para as possíveis infâncias presentes nas diversas instâncias da sociedade”. Expressões físicas e simbólicas nos espaços geográ-

6 Milton Santos refere-se ao conceito de paisagem como o de um palimpsesto, que faz referência ao papiro, ou ao pergaminho, utilizados para a escrita na antiguidade e que por serem reaproveitados devido à sua escassez, deixavam resíduos das escritas anteriores. Nesse sentido, o autor afirma que o desvelamento da paisagem passa pela análise de sua historicidade, representada pelas marcas de outros momentos históricos inscritas no local.

ficos que podem nos dizer como as sociedades, em que essas são erguidas (mesmo em suas ausências), se envolvem com as infâncias daquela localidade.

Já falamos aqui de João Guimarães Rosa, de suas geografias, mas faz-se necessário voltar a ele, em outra importante obra que é “Grande Sertão: Veredas”, na qual, mais uma vez, o autor imbrica linguagem, cultura e paisagem e nos lega este excerto, que, de alguma forma, explicita a paisagem em sua magnitude e, ao articulá-la ao sentido de pertencimento, produz algo de uma beleza poética irrepreensível: “O sertão está em toda parte, o sertão está dentro da gente. Levo o sertão dentro de mim e o mundo no qual vivo é também o sertão” (Guimarães Rosa, 2006: 355). Essa abordagem poética indica que o ser humano carrega e guarda essa paisagem que o marca e o define, em si, sendo essa paisagem, ao mesmo tempo, marcada por ele em um processo dialético.

Cabe salientar como essa discussão no Brasil se imbrica com a discussão da Geografia Escolar. Assim, Pontuschka (1993) e Paganelli (1996), apontando a importância da Geografia para o processo de ensino aprendizagem das crianças e jovens brasileiros, cada uma à sua maneira, propõem que o ensino dessa disciplina trabalhe na perspectiva da construção de um pensamento autônomo e crítico, articule teoria e prática em uma perspectiva interdisciplinar. Esse olhar traz ainda significativa contribuição para a dimensão política do processo de produção do espaço social.

Saber pensar o espaço, significa ver as paisagens, saber sentir o aroma, e os odores do ambiente, é saber expressar espacialmente, desenhando, pintando, cartografando os espaços, os deslocamentos realizados ou imaginados, lembrar que a sensibilidade e o raciocínio espacial são essenciais aos andantes comuns, usuários e usadores do espaço, instrumentos essenciais na luta do espaço e pelo espaço-terra... (Paganelli, 1996: 232).

Para a autora,

A vida social constitui um objeto privilegiado de estudo nas primeiras séries por: não dissociar a vida do aluno da sociedade em que ele vive; possibilitar, a partir do conhecimento e reflexão sobre os lugares de vivências da criança, a não dissociação do mundo atual, o tempo presente de um processo histórico-cultural que a criança participa [...] (Paganelli, 1996: 230-231).

Outro conceito chave da abordagem geográfica no Brasil, e que é incorporado quando se trabalha com Geografia das Infâncias, dos Jovens e dos Bebês, é o de território. Haesbaert (2004) afirma que todas as atividades se estabelecem em profunda relação com os elementos da natureza, motivo pelo qual cada ato pode ser entendido como um “territorializar-se”, em sentido estrito, entendido como inscrever-se no território. Haesbaert (2011: 339) define o conceito de territorialização como “mediações espaciais do poder, poder em sentido amplo, que se estende do mais concreto ao mais simbólico”. O autor insere, ainda, a discussão no âmbito do paradigma territorial contra-hegemônico, entendido como

um espaço vivido, densificado pelas múltiplas relações sociais e culturais que fazem do vínculo sociedade-“terra” (ou natureza se quisermos) um laço muito mais denso, em que os homens não são vistos apenas como sujeitos a sujeitar seu meio, mas como inter-agentes que compõem esse próprio meio e cujo “bem viver” (como afirmam os indígenas andinos) depende dessa interação (Haesbaert, 2014: 54).

Território pode ser entendido, também, como um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, “a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre ‘nós’ (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders*) (Souza, 1995: 86).

Esses aportes teóricos têm dado suporte aos trabalhos de pesquisa e produção acadêmica envolvendo a Geografia das Infâncias no Brasil que assume que os conceitos, as teorias, as manifestações das paisagens, dos territórios e dos lugares são criados nos encontros históricos, mas também criam a própria história. Por isso, não há sentido em pensar o ser humano (e a infância) fora das geografias, a consciência e o controle de si e do mundo vivido fora das relações socioculturais, fora da linguagem, fora da unidade existência/existir, ser/estar, espaço/tempo.

Nossos estudos assumem que toda criança nasce em um certo grupo cultural, em um certo espaço-tempo, no qual estabelece suas relações sociais, forjando-se como pessoa nos constrangimentos da cultura, pressupondo o espaço geográfico como abertura, multiplicidade, diferença, heterogeneidade e como materialidade de múltiplos tempos e espaços que resultam em uma miríade de formas de organização social, que permitem a existência de especificidades e universalidades que convivem, a despeito de pretensos isolamentos ou do discurso da inevitabilidade da globalização. Isso faz com que estejamos falando de incontáveis geografias e histórias que compõem infinitas formas de vivências humanas (Verbena e Faria *et al.*, 2019).

Na perspectiva de navegar pelas águas brasileiras no que diz respeito à dimensão que assume esse campo do conhecimento no contexto educacional, dialogamos com Freire (2011), que, ao pensar e propagar projetos educacionais emancipadores e ver a autonomia como um processo de se constituir, propõe uma pedagogia fundada na ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando, na escola, como espaço da experiência autoral e como espaço conectado ao concreto (Freire, 2011).

A filosofia da linguagem de Bakhtin (obras diversas), a teoria histórico-cultural sobre o desenvolvimento humano, sistematizada por Vigotski e colaboradores (obras diversas), e outras áreas que formam o atual campo de Estudos da Infância ampliam as

referências da abordagem de Geografia das Infâncias brasileira para além das clássicas posições assumidas pela tradição acadêmica em nosso território, marcado por aquilo que Jerebtsov (2014: 18) nomeou por “entre a Cila do positivismo e a Caribdis da fenomenologia”.

Segundo a teoria histórico-cultural, a socialização está diretamente relacionada à transformação da criança num ser cultural que se desenvolve na relação com o meio que não é composto apenas de objetos, mas é um meio em que ocorre um verdadeiro encontro entre pessoas e em que se atribui sentido aos objetos; são situações que permitem ao ser humano ser dono de seu comportamento e de sua atividade, ser partícipe da vida social (Prestes, 2013: 302).

Vigotski considera o meio um importante elemento da humanização, uma dimensão importante que se coloca na perspectiva de mediação que gera o desenvolvimento. É no meio que, segundo ele, estão as interfaces sociais que criam a singularidade da existência. Porém, explicita que o meio não exerce uma força determinadora sobre o humano, pois esse tem sua condição autoral sobre a vida que lhe é dada. É importante lembrar que, no contexto da produção de suas ideias, uma das teorias que circulavam com grande força era o determinismo geográfico, ou seja, a concepção que o lugar determina as condições humanas e produz as diferenças no viver.

O diálogo com esses teóricos e com os diferentes campos de conhecimentos contribui não apenas para pensar o caráter sincrônico de se pensar a infância. Isso porque, para nós, pensar em uma Geografia das Infâncias é romper com a perspectiva de um espaço antropomorfizado como um ente fora do social, mas partir das pessoas, de suas vivências, de suas existências. Nesse sentido, concepções como lógicas infantis, autorias e outras se tornam significativas.

A Geografia da Infância no Brasil assume o termo “Infâncias” no plural, “sem, contudo, propor a invisibilização dos mercados sociais, étnico-raciais, de classe, de gênero e de territorialidade, o que, nessa perspectiva teórico-metodológica, é imprescindível, considerando o diálogo com autores que se opõem à tentativa de normalização e normatização das infâncias e de seus tempos/espacos” (Fernandes *et al.*, 2018: 2). A multiplicidade de infâncias, imbricadas na dimensão espacial, ambiental, étnico-cultural, de classe social, de gênero, entre outros (Lopes & Fernandes, 2018), deve ser acionada/considerada, ao se trabalhar com esses sujeitos. Na abordagem desse campo de conhecimento, como nos ensina Aitken (2018), não existe uma infância genérica nem universal.

A Geografia da(s) Infância(s) traz à tona o imbricamento com a questão da produção do espaço, dos lugares e dos territórios, abordando também o direito das crianças aos territórios (Lopes & Vasconcellos, 2005). Mas, mais do que isso, aborda e luta pela justiça social, pelo combate à lógica que gera a desigualdade e condena uma parcela da população à subserviência e à subalternidade, impedida de gozar do seu status de sujeito único, irreptível, singular, excepcional, que pode e deve exercer seu ato responsivo, reivindicando o direito à educação de qualidade, social e espacialmente referenciada, defende a autonomia, o protagonismo, a participação, sem o caráter abandonônico impresso pelas políticas neoliberais. Defende a diversidade, a autoria, as vivências coletivas, o direito de se constituir como ser integral, o direito a vivenciar suas paisagens e trazê-las como parte constitutiva do tornar-se humano.

A busca de autores que se dedicaram inicialmente à interfece das crianças e espaços tem sido um dos caminhos percorridos pela Geografia da Infância no Brasil. Podemos destacar dois deles: o trabalho de Martha Murchow, na Alemanha, e o trabalho de William Bunge, nos Estados Unidos.

Murchow escreveu sobre as crianças proletárias em Hamburgo, na década de 20 do século passado. Seus estudos influenciaram uma geração de pesquisadores alemães na perspectiva de estudar as crianças como atores protagonistas da e na vida social, “Kindern als eiständigen Akteuren des sozialen Lebens” (Honig, 2012: 10). Segundo Honig (2012), a republicação da obra de Marta Muchow na Alemanha, na década de 1980, possibilitou o diálogo das pesquisas realizadas na Alemanha com os estudos sociais da infância realizados na Grã-Bretanha. Dessa forma, esse estudo, realizado na década de 20 e publicado na década de 30 do século passado, atesta sua atualidade e potência. A produção de Muchow traz uma contemporaneidade nos estudos com as crianças, hoje recorrente no atual campo de Estudos da Infância, em debates sobre *pesquisa com*, nas metodologias que buscam romper com o adultocentrismo, nos olhares da vivência socioespacial das crianças.

Outra fonte de inspiração de nosso trabalho, William Bunge, considerado um geógrafo radical, trabalhou, em especial nas décadas de 1960 e 1970, na perspectiva de compreender fenômenos globais por meio de intensivo estudo das localidades, focado nos lugares pequenos. Assim, desenvolveu pesquisa em uma área de prepoderante ocupação afro-americana e colocou a cartografia como ferramenta de transformação, mapeando, por exemplo, o número de atropelamentos de crianças na área estudada (Bunge, 1971).⁷ Em uma de suas notas de campo, traduz um sentimento muito recorrente aos pesquisadores brasileiros, que é a sua inquietação ante nossa irrefutável condição de pesquisadores em um país marcado pela desigualdade, inequidade e injustiça social: “Afinal, não é função dos geógrafos apenas

7 “Where commuters run over black children on the pointes-downtown track.”

mapear a Terra, mas modificá-la” (Bunge apud Center for Civic Media, 2013).⁸

Parte das contribuições de Bunge que nos chegaram foi trazida pelo geógrafo Stuart Aitken (2017), professor e pesquisador da Universidade de San Diego nos Estados Unidos. Além de apresentar a pesquisa de Bunge, ele introduz importante discussão sobre os direitos tidos como universais e recoloca a crítica sobre a noção do que “constitui uma ‘infância normal’ (por exemplo, inocente, brincante, despreocupada e focada na educação) e em ‘espaços normais’ (por exemplo, famílias nucleares e extensas em comunidades e estados de cuidado)” (Aitken, 2015: 137).⁹ Essas contribuições do autor recolocam a espacialidade como ponto de destaque para a compreensão da infância e da juventude, sem a perspectiva universalizante que vinha marcando o debate, em especial na discussão de direitos. Seus trabalhos buscam romper com as lógicas do grande tempo histórico, que, muitas vezes, apaga, em narrativas e argumentos universais, as singularidades e as diferenças que emergem no espaço geográfico, marcado por manifestações diversas.

Faz-se necessário destacar a produção britânica sobre o tema da Geografia, de um modo geral, e da Geografia da Infância propriamente dita, também atravessada pela obra de Doreen Massey (2015), que apresenta o espaço como esfera da coexistência da heterogeneidade, como algo em construção e como “produto de relações que estão, necessariamente, embutidas em práticas materiais que devem ser efetivadas, ele está sempre no processo de fazer-se” e como “simultaneidade de estórias-até-agora” (Massey, 2015: 33). O pensamento de Massey traz outra grande con-

8 “Afterall, it is not the function of geographers to merely map the earth, but to change it.”

9 Notion of what constitutes a “normal childhood” (e.g. innocent, playful, carefree and focused on education) in “normal spaces” (e.g. nuclear and extended families in caring communities and states).

tribuição, muitas vezes vista de forma secundária em seu texto, mas que, para nós, é fundamental: o imaginário espacial como uma das grandes forças que movem a relação social com essa dimensão do viver. No Brasil, a concepção de espaço geográfico ainda é muito marcada por concepções cognitivas e materiais, deixando de fora, muitas vezes, esse importante aspecto. No âmbito da Geografia da Infância propriamente dita, os autores britânicos nos inspiram, ao apontar para “a importância do contexto e o lugar na hora de analisar as experiências das crianças e dos jovens”¹⁰ (Ortiz Guitart, 2007: 209, tradução nossa).

E, mais recentemente, os estudos de autores ligados aos pressupostos pós-coloniais e decoloniais (dentro desses, podemos citar Quijano, Boaventura Santos, Lander, Porto Gonçalves e outros, em suas diversas obras) apontam para formas de olhar a existência dos bebês, crianças e jovens do sul em suas trajetórias históricas e geográficas singulares e de reconhecer toda a rede de saberes e conhecimentos que contribuam com a justiça hemisférica e coloquem em igualdade a espacialidade da vida existente no planeta. Essas aproximações com essa corrente de pensamento abriram um leque de possibilidades de interlocução qualificada e referenciada por trocas e parcerias com pesquisadores latino-americanos, em especial, México, Chile e Colômbia. Com esse importante aporte, temos construído pontes, rompido a barreira linguística e qualificado nossa produção. Os desdobramentos desses encontros serão abordados no próximo tópico.

10 Texto original: “*La importancia del contexto y el lugar a la hora de analizar las experiencias de los niños y los jóvenes*”.

III. Estar...

Las colecciones entonces podem ser pensadas como verdaderas organizaciones visibles de las fantasmáticas de quien las realiza, y es eb ese punto en donde podmeos encontrar la relacán entre la colección y la memoria, aunque ello implique asignles a la memoria de los ninos un carácter profundamente singular. Es más, significa asignarles un carácter furiosamente singular; se trataria de un espacio en el que aquello que se conserva son los restos de la memoria oficial de lo acontecido, esa que para existir no requiere del paso por la memoria colectiva, del paso por otro, ni requiere de la confirmación del semjante (Patrícia Castillo, 2109: 21).

No ano de 2018, ocorreu no Brasil a exposição “Infância e Ditadura no Chile: testemunhos e atores (1973-1990)”, organizada por Patrícia Castillo, pesquisadora chilena, cujos estudos estariam compostos no livro do qual a epígrafe que abre esta parte de nosso texto foi retirada. A figura a seguir traz a divulgação do evento:



Figura 1

Cartaz de divulgação da Exposição Infância e Ditadura no Chile: Testemunhos e atores (1973-1990) realizada na Universidade de Brasília em março de 2018

Desde seus primeiros movimentos no Brasil, a Geografia da(s) Infância(s) passou a assumir um diálogo com as redes de pesquisadores de diversos espaços situados além de nosso território. O estabelecimento de redes permitiu consolidar ainda mais esses estudos no país, marcado também por encontros siste-

máticos que têm possibilitado trazer importantes contribuições ao tema. As aproximações com os pesquisadores latino-americanos, mas também dos Estados Unidos, da Europa e de outras regiões, potencializaram situações como a exposição sobre Infância e Ditadura" já citada, além de muitas outras, como pode ser percebido nas imagens que seguem:

Figura 2

Cartaz do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância



- II A exposição foi realizada na Biblioteca Central da Universidade de Brasília no âmbito do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância, realizado em março de 2018.

Figura 3

Algumas produções que abordam a temática deste ensaio no Brasil¹²



Figura 4

Algumas produções que abordam a temática deste ensaio no México¹³



- 12 A seguir, apresentamos os links das publicações:
Dossiê: Geografia das Infâncias: Fronteiras e conexões. <https://educacaoemfoco.ufjf.emnuvens.com.br/edufoco/>
Dossiê: Crianças e suas infâncias na cidade. n. 49, 2019 - <http://periodicos.ufes.br/educacao/issue/view/1010>
- 13 A seguir, apresentamos os links das publicações:
<http://editorial.upnvirtual.edu.mx/index.php/invitaciones/9-publicaciones-upn/437-geografias-de-las-infancias-y-movimientos-sociales;>
<https://pedagogiasinsumisas.wordpress.com/2020/03/15/pedagogias-del-sur-en-movimiento/>

Figura 5

Algumas produções que abordam a temática deste ensaio na Colômbia¹⁴



O lançamento destes livros ocorreu no âmbito da Missão de trabalho Brasil-Colômbia: Territorios e Infancias: Modos de ver el Mundo y Modos de dar a ver el Mundo. Negros e Indígenas.

As imagens expostas evidenciam o crescimento desse campo de estudos no Brasil. Hoje já é possível reconhecer um conjunto de publicações em periódicos, em livros, anais, além da presença de seminários, colóquios e outras materialidades que sistematizam ideias, concepções e muitos simbolismos nessa área.

Em artigo publicado no ano de 2017, Costa e Lopes apontam o seguinte “estado da arte” envolvendo a produção dessa área, quando se trata de teses e dissertações:

14 A seguir, indicamos os links de cada uma das quatro publicações: https://digitk.areandina.edu.co/bitstream/handle/areandina/3519/Geografias_Tomo_I_WEB.pdf?sequence=1&isAllowed=y
https://digitk.areandina.edu.co/bitstream/handle/areandina/3342/Geografias_Tomo_II_Ebook.pdf?sequence=5&isAllowed=y
https://digitk.areandina.edu.co/bitstream/handle/areandina/3340/Geografias_Tomo_III_WEB.pdf?sequence=7&isAllowed=y
https://digitk.areandina.edu.co/bitstream/handle/areandina/3341/Geografias_Tomo_IV_Ebook.pdf?sequence=8&isAllowed=y

Tabla 1

Tabela com o estado do conhecimento referente às produções entre 2003 e 2017 sobre a temática da Geografia da Infância

Ano	Nº de obras
2003	01
2006	01
2008	05
2009	02
2010	04
2011	06
2012	12
2013	03
2014	07
2015	05
2016	12
2017	04

Fonte: Costa e Lopes (2017).

Segundo o levantamento, os trabalhos distribuem-se nos seguintes temas: crianças, infâncias e espacialidades; Geografia da Infância e tecnologias; diálogos entre a Geografia da Infância, Geografia e demais saberes escolares; Geografia da Infância e form(ação) docente; Geografia da Infância e cartografia com crianças; Geografia da Infância e pesquisa com bebês.

Além do crescimento dentro do próprio território brasileiro, temos assistido a um incremento da troca de experiências entre pesquisadores desse tema tanto no continente americano quanto em outros espaços geográficos. Parcerias com os pesquisadores da América Latina, com universidades dos Estados Unidos, da Europa, entre outras, evidenciam esforços para se compreender a infância sem negligenciar suas espacialidades.

Em 2019, merece ser destacado que, pela primeira vez, o tema da Geografia da Infância apareceu no encontro oficial da Associação de Pós-Graduação em Geografia do Brasil (ANPEGE),

na mesa “Geografias Escolares e as Viradas Espaciais”, XIII ENANPEGE, com o tema “A Geografia Brasileira e a Ciência-Mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento, ocorrido entre os dias 02 a 06 de setembro de 2019, na Universidade de São Paulo - USP, na cidade de São Paulo. Nessa mesa, foi apresentada a conferência “Geografia da Infância, justiça existencial e amorosidade espacial” (Lopes, no prelo).

IV. Considerações finais

Sofri o grave frio dos medos, adoeci. Sei que ninguém soube mais dele. Sou homem, depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rastos do mundo. Mas, então, ao menos, que, no artigo da morte, peguem em mim, e me depositem também numa canoinha de nada, nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio

(João Guimarães Rosa, 1994: s/p).

Trouxemos neste artigo a abordagem da Geografia das Infâncias que têm suleado os trabalhos dos pesquisadores brasileiros. Explicitamos que esse campo do conhecimento tem se dedicado aos estudos sobre bebês, crianças e jovens, levando em conta a espacialidade.

Gostaríamos de finalizar afirmando nossa crença de que as crianças e jovens devem ser compreendidos como sujeitos explícitos de enunciações no espaço e no tempo. São sujeitos políticos, inseridos no universo cultural e simbólico desse espaçotempo,¹⁵ com contundente capacidade de reelaboração da cultura.

15 Nesse texto usamos a expressão “espaçotempo” fazendo referência à condição indissociável dessas duas dimensões na existência humana em sua ancoragem social, assim, nos aproximamos do conceito forjado por Bakhtin (2014) que seria a “interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas” (Bakhtin, 2014: 211).

A perspectiva de Geografia das Infâncias aqui apresentada respalda-se em uma proposta de dar ouvidos às vozes, olhares e sentimentos das crianças e dar espaço para acolher suas propostas de construção de/do mundo. Tem como pressuposto refutar as clássicas teses que advogam a existência de lógicas universais e universalizantes nos processos de socialização e de humanização, marcadas pela descontextualização da vida dos bebês, das crianças e dos jovens. Contesta as perspectivas que apontam para modelos de infância únicos, com uma abordagem de normalidade que não encontra eco em nossa perspectiva teórico-metodológica. Essa crítica encontra amparo em Aitken (2015) que, como geógrafo, aponta caminhos para pensar as especificidades dos diversos grupos humanos e suas histórias e geografias. Para o autor, “os conjuntos societários são sempre geograficamente variáveis” (Aitken, 2015: 133).

A Geografia da Infância brasileira tem sua margem em outras margens forjadas em muitos rios espalhados pelos diferentes continentes do planeta. Os diálogos, os encontros, as redes permitem suas renovações e continuidades em diferentes espaços, fazendo-se, assim, em rios, que se carregam como existências para muitos outros lugares.

Referências

- Aitken, S. C. (2015). Children's rights: a critical geographic perspective. In W. Vanderhole *et al.*, *Routledge International Handbook of Children's Rights Studies* (pp. 131-146). London; New York: T&F Routledg.
- . (2017). Geografias de berço e as contratopografias da infância. In A. Abramowicz, G. Tebet., *Infância e Pós-estruturalismo* (pp. 81-110). São Paulo: Porto de Idéias.
- . (2019). *Jovens, Direitos e Territórios: apagamento, política neoliberal e ética pós-infância*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília.

- Bakhtin, M. (2014). *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec.
- . (2017). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João.
- Bunge, V. (2013). Field Notes I. In: Center for Civic Media. *The Detroit Geographic Expedition and Institute: A Case Study in Civic Mapping*. 9. Disponível em: <https://civic.mit.edu/2013/08/07/the-detroit-geographic-expedition-and-institute-a-case-study-in-civic-mapping>. Acesso em: 15 out. 2019.
- Bunge, W. (1971). *Fitzgerald. The Geography of Revolution*. Cambridge, MA. Schenkman.
- Castilho, P. G. (2019) *Infancia/Dictadura*. Testigos y actores (1973-1990). Santiago: LOM Ediciones. desenvolvimento. In: Castro, Iná, E.
- Fernandes, M. L. B. (2018). Os conceitos de vivência e reelaboração criadora para as crianças de uma comunidade quilombola. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez e Juventude*. [S.l.], 16 (1), 213-226. Disponible en: <<http://revistaumanizales.cinde.org.co/rllcsnj/index.php/Revista-Latinoamericana/article/view/3109>>. Acesso em: 11 fev. 2018.
- Fernandes, M. L. B., Maria Andreza Costa; Diniz, Reinaldo Ramos; Coelho, Cristina Massot Madeira; Soares, Luna Leticia De Mattos Lambert (2020). Narrativas, memorias y saberes de niños y jóvenes en relación al territorio del Distrito Federal/Brasil. In: Medina, Patricia Melgarejo. *Pedagogías del Sur en movimiento. Nuevos caminos en investigación*. Biblioteca Digital de Investigación Educativa: Xalapa. p. 224-245.
- Fernandes, Maria Lidia B.; Lopes, Jader Janer M.; Coelho, Cristina M. Madeira; Costa, Bruno Muniz F. (2018). Apresentação do Anais do Colóquio Internacional Crianças e Territórios de Infância. Brasília: Even 3. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/territoriosdeinfancia/118640-apresentacao/>
- Freire, Paulo. (2011). *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz & Terra.

- Haesbaert, Rogério. (2004). *Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade*. São Paulo: Edusp.
- . (2011). *O Mito da Desterritorialização: Do Fim dos Territórios à Multiterritorialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- . (2014). *Viver no limite. Território e multiterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Honig, Michael-Sebastian. (2012). (Herausgeber). “Der Lebensraum des Großstadtkindes”: Eine Pionierleistung der Kindheitsforschung. Vorwort zur Neuauflage. In: Muchow, Martha; Muchow, Hans Heinrich. *Der Lebensraum des Großstadtkindes*. Weinheim, Germany: Beltz.
- Jerebtsov, Serguei. (2014). Gomel: a cidade de L. S. Vigotski: Pesquisas científicas contemporâneas sobre instrução no âmbito da teoria histórico-cultural de L. S. Vigotski. *Veresk – Cadernos Acadêmicos Internacionais: Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB*, (1), 7-27.
- Lopes, Jader Janer M. (2007) Geografia da Infância, Geografia das Crianças. In: Redin, Euclides; Müller, Fernanda; Redin, Marita (Orgs.), *Infâncias, cidades e escolas amigas das crianças*. Porto Alegre: Mediação.
- . (2008). A criança e sua condição geográfica: contribuições da Geografia da Infância. *O Social em Questão*. Ano XX. N. 21. – Rio de Janeiro: PUC-Rio. Departamento de Serviço Social. 109-122 p.
- . (2018). *Geografia e educação infantil: espaços e tempos desacostumados*. Porto Alegre: Editora Mediação.
- . (s/f). “Geografia da Infância, justiça existencial e amorosidade espacial”. No prelo.
- Lopes, Jader J. M.; Fernandes, Maria Lidia B. (2018). O guardador de fósseis e a pequena criança: Territórios de Infâncias e o determinismo da teoria. *Educ. Foco*. Juiz de Fora, (23), 3, 1031-1045.
- Lopes, Jader Janer M.; Costa, Bruno Muniz F. (2017). Geografia da Infância: onde encontramos as crianças? *Acta Geográfica*, Boa Vista, Edição Especial, pp. 101-118. Universidade Federal de Roraima

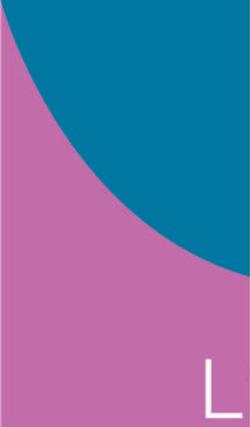
- (UFRR). Disponível em: <https://revista.ufrr.br/actageo/article/view/4774>.
- Lopes, Jader Janer M.; Vasconcellos, Tânia de. (2005). *Geografia da Infância. Reflexões sobre uma área de pesquisa*. Juiz de Fora: FEME.
- . (2006). Desenhando conceitos em Geografia da Infância. Disponível em: <<http://geografiadainfancia.blogspot.com.br/p/nossas-pesquisas.html>>. Acesso em: 15 mai. 2017.
- Lopes, Jader Janer; Fichtner, Bernd. (2017). O espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Marta Muchow às crianças e suas espacialidades. *R. Educ. Públ.* Cuiabá, (26), 63, 755-774.
- Massey, Doreen B. (2015). *Pelo espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Ortiz Guitart, Anna. (2007). Geografias de la infancia: descubriendo «nuevas formas» de ver y de entender el mundo. *Documents d'anàlisi geogràfica*, (49), 197-216.
- Paganelli, Tomoko Iyda. (1996). Iniciação às Ciências Sociais: os grupos, os espaços, os tempos. *Terra Livre – AGB*, São Paulo, 11/12, 225-236.
- Pontuschka, Nídia N. (Org.) (1993). *Ousadia do diálogo*. São Paulo: Loyola.
- . (1999). A geografia: pesquisa e ensino. In: Carlos, A. F. A. (Org.), *Novos caminhos da Geografia*. São Paulo: Contexto. p. III-142.
- Prestes, Zoia. (2013). A sociologia da infância e a teoria histórico-cultural: algumas considerações. *Revista de Educação Pública*, (22) 49/1, 295-304.
- Roberto, L. (org.), *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. p. 77-116.
- Rosa, João Guimarães. (1994). “A terceira margem do rio”. In: _____. *Ficção completa: volume II*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. Disponível em: https://www.aedi.ufpa.br/parfor/letras/images/documentos/ativ-a-dist-jan-fev2014/Castanhal/castanhal-2010-010/guimaraes%20rosa%20-%20a_terceira_margem_do_rio-3.pdf Acesso em: 11 jun.2020.
- . (2006). *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Santos, Milton. (1996). *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- . (2004). *Pensando o espaço do homem*. São Paulo: EDUSP.
- . (2008). *A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.
- Souza, Marcelo L. De. (1995). *O território: sobre espaço e poder, autonomia e*
- Verbena e Faria, Eliete do Carmo G.; Castro, Eliane Rodrigues de; Fernandes, Maria Lidia B.; Suárez, Mathusalam Pantevis. (2019). In: Melgarejo, Patricia M. (coord.), *Geografías de las infancias y movimientos sociales: Dialogar con niños par a descolonizar el presente*. México: UPN. p. 181-206.
- Vygotski, Lev S. (2006). *Obras Escogidas*. Madrid: Visor y A. Machado Libros, v. 4.
- . (2010). Quarta aula: a questão do meio na pedologia. *Psicologia USP*, (21), 4, 681-701.

Infancias: contextos de acción, interacción y participación
(Infâncias: contextos de ação, interação e participação)
se terminó de editar en diciembre de 2020
en las oficinas de Ediciones de la Noche

www.edicionesdelanoche.com





Las infancias, su participación, sus interacciones y sus acciones contextualizadas, son abordadas en esta obra. Aparecen en la transcripción de los textos las infancias latinoamericanas, en múltiples geografías y en múltiples formas de ser y estar en el mundo. Considerando en todo momento su presencia agentiva, considerando simultáneamente las culturas adulta e infantil en interconexión necesaria.

Esta obra coordina esfuerzos para generar un entorno reflexivo, crítico y sensible sobre la posición política de las infancias, donde investigadoras e investigadores de Latinoamérica, confluyen en el relato sobre las infancias visibles, protagonistas, en resistencia, vulneradas. Estos intercambios que surgen y resurgen en los textos van encaminados a una propuesta donde se trabaje y se dialogue con y para las infancias.

Así mismo, esta obra representa la interconexión de diversas áreas del conocimiento (sociolingüística, geografía humana, antropología, psicología del niño y del adolescente, educación y derecho), conservando su unidad temática, las infancias, con experiencias específicas de Argentina, Brasil, Colombia y México. Finalmente, la obra es una producción editorial conjunta de la Universidad Autónoma de Chiapas (México), Universidad de Brasilia (Brasil), Universidad Surcolombiana (Colombia) y Universidad Nacional de Rosario (Argentina).